

O senhor talere, isto é o sertão. Uns querem que não seja... (Riobaldo)

São João del-Rei, MG, 12 de agosto de 2002.

Prezado Oyama:

Gostei muito de ler o *CASSITERITA*. No decorrer da leitura eu senti saudades das pessoas que viviam lá pelos *sertões* de São Miguel do Cajuru, com as quais eu convivi no tempo da minha infância lá depositada e já meio perdida no tempo,,, Visualizei o modo de falar e o jeito de agir do meu saudoso pai, os costumes da parentalha e a vida simplória dos naturais daquelas beiradas dos brejos cajuruenses. Até mesmo a Vânia, lá das bandas cataguasenses, viu o pai dela representado no ritual daquele cigarro de palha que o guarda-chave enrolava, acendia e tragava... acorocado na plataforma da estação de Nuvem Branca.

Ainda acho que há (ou pelo menos havia) um interessante e típico linguajar na nossa zona rural, muito mais forte antes dessas influências midiáticas que se apossaram das almas e corações (e vezes!) dos nossos caipiras. É um *mineirês* rico, que a filologia não registrou muito, mas que você ousou registrar com muita competência. É como um verdadeiro dialeto, jeito próprio da nossa gente mineira, sobretudo a do interior, falar e agir. É típico dessa região que o seu livro retratou... e lá do Cajuru também! Essa forma assim meio que preguiçosa de pronunciar as palavras, engolindo algumas sílabas, aglutinando outras e, muitas das vezes, acabando com o plural - *Belzonte, dexavê, péraí, fómo...* - dá aos que não conhecem o linguajar a nítida impressão de que temos uma verdadeira aversão pela gramática. Você resgatou o *mineirês* que o tio Alencar valorizava e que parecia estar sepultado ou esquecido, mas que, em boa hora, está vindo à tona através do *CASSITERITA*, numa linguagem literária que por muitas vezes remonta as matrizes da nossa língua portuguesa, através de diálogos nos quais não foram economizadas essas expressões.

Foi bem capturada - à la João Guimarães Rosa - a ficção do regionalismo, a saga dessa nossa gente, as particularidades da nossa alma rural, as peculiaridades dessa vidinha nos nossos arraiais, as intrigas e labutas travadas nessas silicosas cidadelas, estejam elas situadas às margens das linhas férreas ou encravadas no leito ou nas variantes da Estrada Real.

Apesar da alegação de que tudo é ficcional, a obra bem que poderia ser a realidade nua e crua, pois que sempre achamos uma personagem bem próxima de nós que se encaixa perfeitamente nos *causos* relatados.... *CASSITERITA* é obra antropológica, sociológica e filológica.. A vida e os diversos sentimentos da nossa gente foram habilmente explorados e bem expostos, assim como os dentes de uma boca escancarada sobre a cadeira do dentista...

Para terminar, deixo você com uma transcrição de Ferreira Gullar, a qual me pareceu bastante adequada para justificar os escritos do *CASSITERITA*: *A história humana não se desenrola apenas nos campos de batalhas e nos gabinetes presidenciais. Ela se desenrola também nos quintais, entre plantas e galinhas, nas ruas de subúrbio, nas casas de jogos, nos prostíbulos, nos colégios, nas usinas, nos namoros de esquinas.*

Eu e a Vânia muito agradecemos pela gentileza da leitura antecipada do *CASSITERITA*. Aguardamos, com muita expectativa, pela sessão de autógrafos!

Cordialmente,

José Antônio de Ávila Sacramento.